

DISCURSO E SUBJETIVAÇÃO NO GÊNERO MUSICAL TRAP: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DE PRODUÇÕES CULTURAIS DE FORTALEZA

Daniel Bernardino Muniz

Iniciante Científico Voluntário - Psicologia

Daniel.muniz@aluno.unifametro.edu.br

Marcus Klederis Monteiro Vieira

Orientador – Psicologia

marcus.vieira@professor.unifametro.edu.br

Ana Leticia Rodrigues de Souza

Iniciante Científica Voluntária - Psicologia

ana.souza03@aluno.unifametro.edu.br

Iani Iasmin de Sousa Trajano

Iniciante Científica Bolsista - Psicologia

iani.trajano@aluno.unifametro.edu.br

Área Temática: Teorias psicanalistas

Área de Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Encontro Científico: XIII Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

Introdução: O gênero musical trap, consolidado no Brasil como expressão cultural periférica, constitui-se como espaço de produção de subjetividades e discursos atravessados por marcadores sociais de raça, classe e gênero. **Objetivo:** Analisar como os principais eixos temáticos de subjetivação emergem nas produções musicais de trappers de Fortaleza, a partir da perspectiva psicanalítica e em diálogo com autores que discutem identidade, poder e interseccionalidade. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, fundamentado em levantamento bibliográfico e na análise de duas músicas lançadas em 2024: “Sonhos”, de Brandão85, e “Malicioso, pt.2”, de Gangstafofo. A análise organizou-se em blocos temáticos (classe, raça, gênero e sexualidade), articulando-os ao conceito de Ideal de Eu de Freud e às contribuições de Fanon, Butler, Quijano, Davis e Souza. **Resultados:** Identificou-se que, em “Sonhos”, a subjetividade é marcada por um projeto de ascensão coletiva atravessado pela precariedade material e pela valorização da negritude como potência criativa, enquanto em “Malicioso, pt.2” a construção identitária se ancora na ostentação, performando poder e virilidade pelo consumo. Verificou-se, ainda, que a ostentação embora configure gesto de resistência à marginalização histórica, também reinscreve os sujeitos nas lógicas coloniais e neoliberais. **Considerações finais:** Conclui-se que o trap, para além de expressão estética, constitui-se como discurso político e simbólico no qual se elaboram tensões entre resistência e captura, legitimando-se como espaço de disputa identitária e valorização dos saberes periféricos.

Palavras-chave: Trap; Subjetivação; Psicanálise.

INTRODUÇÃO

O gênero musical trap, surgido no sul dos Estados Unidos nos anos 1990, consolidou-se no Brasil como uma das expressões culturais mais significativas entre jovens negros e periféricos. Combinando sonoridades densas, narrativas de resistência e representações de ascensão social, o trap brasileiro ultrapassa os limites da estética musical e se afirma como um campo discursivo de produção de subjetividades. No entanto, as abordagens acadêmicas sobre o gênero ainda são incipientes no Brasil, com ênfase em análises sonoras, visuais ou de consumo (Coutinho, 2024; Magalhães, 2024), o que deixa em segundo plano suas dimensões psicossociais e simbólicas.

Este trabalho apresenta os resultados da segunda etapa do projeto de Iniciação Científica “Discurso e Subjetivação no Gênero Musical Trap: uma Perspectiva Psicanalítica”, que consiste no levantamento e análise inicial de músicas de trap, lançadas a partir do ano de 2024, produzidas por artistas oriundos da cidade de Fortaleza. A pesquisa parte da Psicanálise, especialmente da noção de Ideal de Eu proposta por Freud (1914), compreendendo esse conceito como a instância psíquica que organiza o desejo a partir de identificações sociais e normativas internalizadas. Tal conceito é articulado a autores que tencionam os atravessamentos de raça, gênero e classe na formação do sujeito: Neuza Santos Souza (1983), Frantz Fanon (2008), Judith Butler (2018), Aníbal Quijano (2005) e Angela Davis (2016). As letras de trap, nesse contexto, são tratadas como enunciados que revelam os modos como esses sujeitos lidam com as exigências sociais de pertencimento, poder, virilidade e consumo, sendo atravessados por contradições que oscilam entre resistência e captura simbólica.

Além disso, a cultura da ostentação apresenta-se como um ponto central da narrativa ficcional dos sujeitos, (Moraes, 2022), na qual se encena, por meio da música, uma vida luxuosa, repleta de marcas e acúmulos de dinheiro. Assim, o consumo, a raça e a classe articulam-se em um discurso que apresenta a ostentação como uma face da virilidade dos sujeitos, que se constitui pela exaltação performática do acúmulo de riquezas. Dessa forma, essa virilidade laborativa ocupa um lugar de signo de masculinidade e poder (Zanello, 2020), tornando esses sujeitos dignos do desejo sexual do outro. Desse modo, a ostentação também reflete o desejo de ascensão social do corpo periférico, expresso por meio do eu lírico da música que acessa lugares que são destinados à branquitude. Nesse sentido, para Neusa Santos (1983), no Brasil o conceito de raça é definido em atributos de classes sociais, onde o corpo negro encontra-se no lugar de destinado as classes mais pobres e deseja a ascensão como uma

“redenção” de sua negritude. Diante disso, a ostentação no trap apresenta-se como um ponto central e complexo que ao mesmo tempo que se justifica pela luta da periferia pelo acesso aos privilégios da elite, também a aliena em uma lógica neoliberal e colonial.

A análise psicossocial desse discurso mostra-se fundamental diante da ausência de investigações que considerem os modos como o gênero trap organiza, representa e performa os processos de subjetivação de seus autores. Ao legitimar essas produções culturais como objeto científico, o presente estudo propõe também um gesto ético e político de valorização dos saberes periféricos da cidade de Fortaleza. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da segunda fase da pesquisa de Iniciação Científica, destacando como os principais eixos temáticos de subjetivação emergem nas produções musicais de *trappers* de Fortaleza, a partir de uma perspectiva psicanalítica.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo, qualitativo, com abordagem exploratória. Segundo Gil (2008), as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Esse tipo de investigação é especialmente adequado quando o tema abordado ainda é pouco explorado, como é o caso das discussões psicossociais e psicanalíticas relacionadas ao gênero trap nas periferias brasileiras, sobretudo nas da cidade de Fortaleza.

Sendo assim, o estudo consiste no levantamento bibliográfico e teórico sobre os temas centrais da pesquisa: identidade, subjetividade, interseccionalidade, e os processos simbólicos envolvidos na construção do Eu. Até o momento, essa etapa permitiu compreender como os marcadores sociais de raça, classe e gênero se articulam na constituição das subjetividades e produções musicais de artistas do gênero musical trap da cidade de Fortaleza. O recorte aqui apresentado utilizou duas músicas lançadas a partir de 2024, que se justificam pela relevância local dos artistas, sendo elas: “Sonhos” do Brandão85 e “Malicioso, Pt.2” do Gangstafofo, disponíveis nas plataformas digitais *Spotify* e *Youtube*, não tendo havido contato com sujeitos externos.

Tais músicas foram analisadas através de uma leitura psicanalítica do discurso de suas letras. Os materiais utilizados para articulação teórica foram artigos científicos, dissertações e livros obtidos por meio das bases de dados SciELO, PePSIC, Google Scholar e repositórios institucionais, tendo como palavras-chaves: trap no Brasil; história do trap; arte na

periferia; música trap. A organização do material envolveu a construção do projeto de pesquisa, análises temáticas e reuniões com o orientador para definição do escopo conceitual da análise. Como critério de inclusão, foram consideradas produções científicas a partir de 2022 que abordassem o trap em sua dimensão psicossocial, identitária ou discursiva.

Ademais, por não envolver contato direto com seres humanos, o estudo dispensa apreciação ética em Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que trabalha exclusivamente com materiais disponibilizados em plataformas digitais de acesso público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das letras foi organizada em três eixos temáticos: classe, raça e gênero, entendidos de maneira interseccional, considerando que Butler (2018) afirma que o gênero se entrecruza com modalidades raciais e classistas na constituição das identidades. Foram examinadas duas produções do trap em Fortaleza: “Sonhos”, de Brandão85, do trap mainstream (popular e amplamente conhecida), e “Malicioso, pt. 2” de Gangstafofo, do trap underground (menos popular e conhecido). Essa divisão permite evidenciar como diferentes sujeitos periféricos elaboram seus Ideais de Eu, atravessados pelas normatividades históricas e coloniais que estruturam a subjetividade, articulando-os com os referenciais teóricos adotados.

1. Classe

Na música “Sonhos” a ascensão social se ancora em um projeto coletivo: “Tamo vencendo todo dia, eu mudo o filme da minha família”. Freud (1914) aponta que o Ideal de Eu se configura como o “ideal de perfeição”, funcionando como instância normativa que guia os sujeitos. Nesse caso, o artista projeta seu Ideal de Eu não apenas em termos individuais, mas na transformação da realidade familiar e comunitária através de suas próprias aquisições, fazendo da conquista pessoal uma vitória projetiva que se estende à sua coletividade.

Por outro lado, em “Malicioso, pt.2”, o Ideal de Eu aparece sustentado pelo consumo e pela ostentação: “sempre no shopping gastando e comprando” e “gasto grana porque eu posso”. Quijano (2005) mostra que a colonialidade do poder produziu uma divisão social que associa determinadas raças a funções específicas no sistema capitalista, de modo que negros foram historicamente relegados à posições de exploração. Nesse sentido, o gosto de ostentar bens materiais pode ser compreendido como um movimento de subversão dessa estrutura, ao inscrever o corpo negro no espaço social da riqueza. No entanto, como observa Davis (2016), esse processo também reflete a lógica neoliberal, na qual a subjetividade negra é validada pelo

acesso a mercadorias, o que reproduz mecanismos de exploração que, historicamente, a mantiveram marginalizada.

Assim, enquanto “Sonhos” enfatiza uma lógica de ascensão coletiva atravessada pela urgência material, “Malicioso, pt. 2” reflete um modelo de mobilidade individual ancorado em consumo. Ambos, contudo, revelam como a classe atravessa a subjetividade periférica, ora como resistência à marginalização, ora como assimilação da lógica do capital.

2. Raça

Em “Sonhos”, o artista se define como “jovem neguinho batizado no trap”. Fanon (2008) lembra que a experiência negra é marcada por uma cisão permanente entre “o que é o ser e o que lhe dizem ser”. Esse deslocamento também aparece quando o artista proclama “Pretos grandes nessa socialite”. A imagem do “preto grande” ocupando o espaço da socialite, que é comumente associado a elite branca, rompe simbolicamente com a ideia de que a negritude deve permanecer à margem. Como afirma Santos (1983), o negro, mesmo ao conquistar mobilidade, “carrega no corpo e na memória o estigma de sua cor”. Nesse sentido, a presença do corpo negro em um espaço de elite não elimina as marcas do racismo, mas as reinscreve, na afirmação da negritude como gesto político de resistência.

Em “Malicioso, pt.2”, a afirmação “preto, rico, nada dócil” confronta o mito racial. Neuza (1983) mostra que o racismo força o sujeito negro a desejar um a branquitude. Nesse sentido, o verso rompe com o destino imposto pela ideologia racial, onde ser negro deixa de significar condenação a pobreza e docilidade (Fanon, 2008), passando a ocupar um lugar de poder e ostentação. O luxo, nesse caso, é politizado como gesto de ruptura simbólica e existencial da lógica colonial que associava o negro à submissão.

Assim, enquanto “Sonhos” reinscreve a negritude por meio da arte e do auto narrativa em um horizonte de coletividade, “Malicioso, pt.2” a desloca para o campo do poder, que ora a liberta, ora a aliena. Ambas as músicas revelam como a subjetividade negra na cena trap de Fortaleza se constrói em constante tensão entre o mito da brancura, o desejo de ascensão e a afirmação de novos ideais identitários.

3. Gênero

Na letra de “Sonhos”, a masculinidade se performa pela responsabilidade: o sujeito assume para si a missão de transformar a vida da família, vinculando sua identidade masculina ao papel de provedor. Butler (2018) sustenta que o gênero não é essência, mas uma “produção do poder”. Nesse caso, a masculinidade periférica se constrói dentro da matriz heterossexual, reafirmando papéis tradicionais como o homem ser aquele que deve prover. Entretanto, essa

masculinidade também se afirma pela ameaça da força: “Não faz eu usar essa Draco com um pentão grandão”. Aqui, a arma é performada como símbolo fálico e remete à autoridade e poder viril. Assim, gênero se constitui por performances que reforçam normatividades; nesse caso, a violência armada se torna parte da performance masculina na periferia, funcionando como símbolo de virilidade. Assim, o artista oscila entre dois polos: o provedor responsável e o sujeito armado que afirma sua autoridade.

Já em “Malicioso, pt.2”, a masculinidade aparece associada à virilidade bélica e sexual: “sempre que eu broto esse mano sai correndo porque tem medo da minha quadrada”. A arma, novamente, funciona como símbolo fálico, representando poder. A virilidade performada se sustenta tanto no consumo: “gasto grana porque eu posso”, quanto no domínio sexual: “sempre que eu chego ela fica safada”, sendo assim, segundo Zanello (2020), a virilidade se apresenta como uma performance de validação social, que utiliza signos de poder sexual e acúmulo de riquezas para se legitimar. Dessa forma, a masculinidade é marcada pela autoridade e pelo desejo.

Portanto, enquanto “Sonhos” projeta uma masculinidade voltada à responsabilidade com a família, mas também ao poder bélico, “Malicioso, pt.2” enfatiza a virilidade ostentatória, sustentada pelo poder bélico e sexual. Ambas revelam a relação do poder de fogo como um marcador de masculinidade e autoridade. Assim, o gênero, longe de ser essência, é performado em função de expectativas sociais e contextuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das letras de trap em Fortaleza evidencia que o gênero funciona como um espaço de elaboração subjetiva atravessado por raça, classe, gênero e ostentação. As músicas trazem um Ideal de Eu ambíguo e contraditório, que oscila entre resistência às condições históricas de marginalização e assimilação à lógica neoliberal do consumo.

Em “Sonhos”, de Brandão085, o sucesso individual aparece associado à transformação coletiva, de modo que a conquista pessoal do sujeito é também projetada como vitória de sua coletividade. Desse modo, a ascensão do indivíduo é simbolicamente vivida como a ascensão de seu grupo identitário, o que permite ressignificar e afirmar a negritude como potência criativa. Já em “Malicioso, pt.2”, de Gangstafofo, a subjetividade se constrói em torno da ostentação, que se apresenta em uma tensão entre resistência e alienação. Além disso, a virilidade é performada como dimensão discursiva de poder, sustentada pelo consumo e pela sexualidade.

A ostentação, nesse cenário, constitui-se como elemento central e paradoxal: ao mesmo tempo em que denuncia a exclusão social, reinsere os sujeitos nas dinâmicas coloniais e capitalistas que buscam superar. Assim, o trap não se limita à estética musical, mas configura-se como discurso político, no qual se disputam identidades e projetos de futuro. Assim, este trabalho, ao legitimar essa produção cultural como objeto de estudo, propõe uma valorização dos saberes produzidos na periferia de Fortaleza.

REFERÊNCIAS

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. **Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades**. *Psicologia em estudo*, v. 25, p. e44147, 2020.

BRANDÃO85. *Sonhos*. [música]. Disponível em:
<https://open.spotify.com/track/6FXi79sc5EhVJm6aEspkuk>. Acesso em: 28 set. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

COUTINHO, Tamiris de Assis. **Afinal, O Que É O Trap? Sonoridade, Discurso e Imagem no Trap BR**. 2024. 181 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE MORAES, Jorge. A.D.N. **TRAP NO BRASIL: Formação e Representações Sociais**. *SCIAS. Direitos Humanos e Educação*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 197–213, 2022. DOI: 10.36704/sdhe.v5i2.6892. Disponível em:
<<https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseduacao/article/view/6892>>

FANON, F. 2008. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1914. v. XIV.

GANGSTAFIFO. *Malicioso, Pt.2*. [música]. Disponível em:
<https://open.spotify.com/track/54jvIHp6tO0ld359L3v3GU?si=ZThQzJ7vRKqTujHYfy6prg>.
Acesso em: 28 set. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

MAGALHÃES, M. **Real trap: vivência, crime e armadilha no contexto brasileiro**.
Disponível em:
<https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2816/public/2816-10899-1-PB.pdf>.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In:
LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais –
Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107–130.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em
ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.